SANTA MARIA MAIOR

Novembro-Dezembro 2013

SANTA MARIA MAIOR: UM NOME COM HISTÓRIA E TRADIÇÃO

A NOVA VIDA DO CAMPO DAS CEBOLAS

QUEM É QUEM NO NOVO EXECUTIVO

MIGUEL COELHO, PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA

"A MAIOR RIQUEZA DA FREGUESIA SÃO AS PESSOAS"

RAÍZES
SANTA MARIA MAIOR:
UM NOME COM HISTÓRIA E TRADIÇÃO 03

EXECUTIVO DA JUNTA DE FREGUESIA
DE SANTA MARIA MAIOR 04
ASSEMBLEIA DE FREGUESIA
DE SANTA MARIA MAIOR 04

NOTÍCIAS
ENCONTROS COM AS FORÇAS VIVAS DA FREGUESIA 05
ATENDIMENTO AO PÚBLICO 05
VOLUNTÁRIOS AJUDAM NA CONTAGEM DE SEM-ABRIGO 05

REPORTAGEM
BAIXA E CASTELO
CADA VEZ MAIS PRÓXIMOS 06
VOXPOP 06

ENTREVISTA
MIGUEL COELHO, PRESIDENTE
DA JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA MARIA MAIOR
"A MAIOR RIQUEZA DAS FREGUESIA
SÃO AS PESSOAS" 07

GENTE QUE FAZ
ATELIÊ SANTA RUFINA 10
A OUTRA FACE DA LUA 10

FUTURO
NOVA VIDA PARA O CAMPO DAS CEBOLAS 11

PATRIMÓNIO
CASTELO DE SÃO JORGE 12
MUDE – MUSEU DO DESIGN E DA MODA
COLEÇÃO FRANCISCO CAPELO 12

ENTREVISTA
PADRES EDGAR CLARA E BARTOLOMEU MOTA
"A NOSSA MISSÃO É DAR ESPERANÇA" 13

ASSOCIATIVISMO
SPORT BENFICA CORVENSE 14

JUNTA DE FREGUESIA
NOVAS COMPETÊNCIAS 15
ATENDIMENTO 15

BOAS FESTAS
X'MAS LATE NIGHT ANIMA BAIXA E CHIADO 16
CRIANÇAS VISITAM A ALDEIA DO NATAL 16
SOLIDARIEDADE E ANIMAÇÃO 16

EDITORIAL

Cara e Caro Freguês:

ESTE É O PRIMEIRO NÚMERO da revista da nossa freguesia de Santa Maria Maior, porque comunicar e informar é um dever que assumimos em nome da transparência e da partilha.

Pretende-se um espaço de diálogo onde os protagonistas são os cidadãos e por isso falámos neste primeiro número com os párocos Edgar Clara e Bartolomeu Mota, com responsáveis do Sport Benfica e Corvense e ainda com Cristina Lopes e Carla Belchior, duas empresárias que lideram espaços comerciais de sucesso. E também demos voz a quem utiliza o novo Elevador do Castelo.

Santa Maria Maior ocupa um território que é o mais antigo da cidade de Lisboa e tem por isso um património valioso e diversificado, de que a Sé é o exemplo mais relevante. Neste número, percebemos o porquê do nome da freguesia.

Estas primeiras semanas, depois da tomada de posse, têm servido para pôr a casa em ordem, com a integração dos serviços e dos colaboradores das antigas juntas.

Ao contrário do que alguns temiam, ainda que sem razão, não desapareceram os apoios e os serviços a que todos estavam habituados e, pelo contrário, a orientação da nova Junta vai no sentido de criar as condições para melhorar a qualidade de vida de todas e de todos.

Uma palavra é devida, neste primeiro número, ao trabalho e ao empenhamento de todos os trabalhadores e colaboradores da Junta, que serão o principal apoio para que se possam atingir os objetivos que todos pretendemos.

A minha presidência manterá o estilo de abertura e proximidade que tem caracterizado a relação com todos os fregueses. As vossas sugestões e os vossos contributos são uma ajuda importante para o nosso trabalho.

Despeço-me com votos do melhor Natal possível e de um 2014 que corrija o que está mal e nos projete para um futuro mais auspicioso.

JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA MARIA MAIOR | Rua dos Fanqueiros, 170-178 | 1100-232 Lisboa |
E-mail: geral@jfsantamariamaior.pt

FICHA TÉCNICA | **Direção:** Miguel Coelho | **Redação:** Prosas e Diálogos | **Fotografia:** Marques Valentim |
Propriedade: Junta de Freguesia de Santa Maria Maior | **Paginação:** Jorge Vicente | **Tiragem:** 10 000 |
Distribuição Gratuita | **Depósito Legal** (gráfica) | **Impressão:** Procer - Edições e Comunicação, S.A.

Santa Maria Maior: Um nome com história e tradição

APPIO SOTTOMAYOR, um dos maiores conhecedores e estudiosos de Lisboa, explica as origens da denominação da freguesia.

DIZ A TRADIÇÃO QUE D. Afonso Henriques quis desde cedo, logo após a conquista de Lisboa (1147) consagrar especialmente Nossa Senhora. No entanto, os templos iam surgindo pela cidade, criados sem uma ordem pré-estabelecida mas apenas de acordo com as necessidades de alguns fiéis. Assim, as primeiras igrejas da Lisboa reconquistada para o Cristianismo foram a dos Mártires (hoje no Chiado e primitivamente um tanto mais para os lados das Belas Artes) e a de S. Vicente. Causas: os acampamentos dos cruzados ficavam nesses locais e eles queriam templos próprios. Dentro das muralhas, uma antiga mesquita foi transformada em capela real e deu lugar depois à atual igreja de Santa Cruz do Castelo.

Mas a ideia de consagrar especificamente Nossa Senhora num templo não tinha sido abandonada. Em 1170 ficou pronta uma igreja, edificada no local onde existira, pelo menos, uma basílica romana e uma mesquita moura. Santa Maria Maior terá portanto aí a sua origem e logo foi sede episcopal. E daí que, até hoje, se tornasse muito mais comum a designação de Sé do que a de Santa Maria.

Não faltam na Sé referências e imagens a Santa Maria, embora sob as mais variadas designações. Assim, por exemplo, Júlio de Castilho, na sua monumental obra "Lisboa Antiga", conta a história de uma Senhora de Bettencourt. Trata-se de uma imagem trazida de França, da cidade normanda de Bettencourt, por Martim Afonso de Sousa, que fora vice-rei da Índia. Era esta imagem tida por milagrosa, especialmente em ocasião de partos. As grávidas pediam então pó retirado da imagem (o sacristão deitava água na parte posterior da imagem – a que estava voltada para a parede – e arranhava-a). O pó obtido era misturado em água e bebido pelas futuras mães!

Mais tarde, a Senhora de Bettencourt passou a ser conhecida como Nossa Senhora a Grande. Há, no entanto, quem conteste e diga que Nossa Senhora a Grande já existia na Sé desde o tempo de Santo António.

O certo é que no altar da Senhora a Grande apareceu, por volta de 1820, a Senhora da Rocha. Esta, segundo a tradição, aparecera em Carnaxide e para lá regressou, cerca de 60 anos depois. Fazendo simetria com este altar, sendo também lateral em relação ao altar-mor, portanto do lado a que antigamente se chamava "da Epístola", ficava então Santa Maria Maior. Segundo Castilho, era uma "linda fisionomia de estátua, de uma doçura encantadora".

O curioso, porém, está em que esta imagem exibia Nossa Senhora com uma pomba, o que deu azo a que, em vez de Santa Maria Maior, o povo passasse a chamar-lhe Nossa senhora da Pombinha.

Outra singularidade: sendo o orago da paróquia, a imagem deveria estar na capela-mor. Mas a verdade é que estava num altar lateral e ainda antes do terramoto de 1755, a imagem já não era a primitiva. Segundo Castilho, um cónego da Sé (mais tarde bispo), D. João de Mascarenhas, mandou fazer uma imagem nova, tendo a Senhora num braço o Menino Jesus e na mão direita a indispensável pomba branca. Tudo isto ficou destruído com o incêndio que se seguiu ao terramoto, com exceção, ao que se julga, da imagem da Senhora de Bettencourt.

Mas não acabam por aqui as referências à mãe de Deus. No pórtico lateral, que dá para a Rua Augusto Rosa, há uma escultura de Teixeira Lopes, representando a Assunção de Nossa Senhora. Consta que serviu de modelo a mulher do engenheiro Fuschini, responsável pelas obras na Sé no início do século XX. Também existem imagens ou alusões a Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora da Penha de França. Nos altares laterais, constavam ainda invocações de Nossa Senhora da Apresentação e de Nossa Senhora da Quietação, em altares entretanto removidos.

Não espanta, por tudo isto, que de tantas denominações da mesma Senhora se tivesse feito uma espécie de síntese, invocando como orago uma Santa Maria Maior, que resume todas as invocações que possam fazer-se.

No entanto, o nome não teve geral aceitação em tempos idos. D. João V conseguiu, com autorização papal, dividir Lisboa em duas dioceses. Santa Maria Maior foi nessa altura, e de algum modo, o nome substituto de Sé Episcopal. Mas durou pouco. Tudo voltou ao início, até porque a antiga Capela Real, no Paço da Ribeira, arvorada em Patriarcal, acabou em ruínas com o terramoto.

Temos portanto Santa Maria Maior como resultado de uma união de 12 antigas freguesias. Caso para dizer que a Senhora está habituada às sínteses…

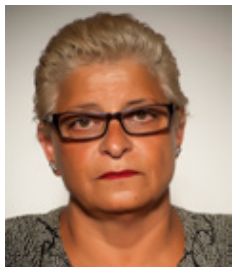
Appio Sottomayor

Executivo da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior

Miguel Coelho
Presidente

PELOUROS: Intervenção Social (Ação Social e Saúde); Turismo e Cultura; Informação, Comunicação e Imagem; Segurança e Proteção Civil; Economia Local e Empreendedorismo; Juventude; Desporto e Associativismo.

ATENDIMENTO AO PÚBLICO: 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª das 17h00 às 20h00 em sistema rotativo por todos os Postos de Atendimento, com escala prévia de dias e locais a ser afixada mensalmente.



Idália Aparício
Tesoureira

PELOUROS: Finanças e Património; Recursos Humanos; Secretaria-geral; Educação.

ATENDIMENTO AO PÚBLICO: 3.ª, 4.ª e 5ª das 15h00 às 17h00, através de marcação prévia.

Maria João Correia
Vogal

PELOUROS: Ambiente Urbano (Espaço Público, Limpeza e Higiene Urbana e Espaços Verdes).

ATENDIMENTO AO PÚBLICO: 3.ª, 4.ª e 5ª das 15h00 às 17h00, através de marcação prévia.

Francisco Maia
Secretário

PELOUROS: Reabilitação Urbana; Pequenas Obras no Edificado Municipal e Particular.

ATENDIMENTO AO PÚBLICO: 3.ª, 4.ª e 5ª das 15h00 às 17h00, através de marcação prévia.

Manuel Medeiros
Vogal

PELOUROS: Iluminação Pública; Mobilidade e Transportes (Sinalética, Toponímia, Sinalização Horizontal e Vertical).

ATENDIMENTO AO PÚBLICO: 3.ª, 4.ª e 5ª das 15h00 às 17h00, através de marcação prévia.

A freguesia em números

ÁREA
1,49 Km2
BAIRROS
5 (Chiado, Baixa, Mouraria, Castelo e Alfama)
POPULAÇÃO (CENSO 2011)
12.765 habitantes
ELEITORES (2012)
12.976
ALOJAMENTOS (CENSO 2011)
10.729
VALOR DO ORÇAMENTO PARA 2014
4.930.905,53 €

Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior

Mesa

PRESIDENTE: Sérgio Cintra (Partido Socialista)
1º SECRETÁRIO: António Manuel ("Sentir Lisboa")
2º SECRETÁRIO: Belmiro Nunes (CDU)

Bancada do PS

António Loreti, Filomena Lobo, Rute Carvalho, João Constantino e Paulo Nuno Ferreira.

Bancada da "Sentir Lisboa"

Marcelino Figueiredo e Sara Pontes.

Bancada da CDU

Maria de Lurdes Pinheiro e Carlos Silva.

Bancada do BE

Ana Bastos

Encontros com as forças vivas da Freguesia

NAS PRIMEIRAS SEMANAS DE mandato, a Junta de Freguesia tem procurado ouvir os representantes das forças vivas locais que desenvolvem a sua atividade nas mais variadas áreas. Como objetivo destes encontros está a aproximação entre os eleitos e quem vive, trabalha ou desenvolve a sua atividade em Santa Maria Maior, tendo por meta o conhecimento mútuo, a análise da realidade e desafios e o arranque de projetos futuros. A Associação de Dinamização da Baixa Pombalina, a Associação de Valorização do Chiado e representantes de várias outras associações, coletividades e casas racionais foram algumas das muitas instituições recebidas neste período pelo líder do executivo, Miguel Coelho.

Atendimento ao público

O ATENDIMENTO AO PÚBLICO nos vários postos espalhados um pouco por toda a freguesia é uma aposta forte em Santa Maria Maior. A população continua a ter a possibilidade de recorrer aos serviços, em moldes idênticos aos anteriores e tendo por interlocutores os funcionários que desde sempre estiveram ao seu serviço (ver pág. 15 para mais pormenores). Em paralelo, as portas dos vários edifícios da Junta estão sempre abertos para acolher a quem eles se dirige.

Voluntários ajudam na contagem de sem-abrigo

CERCA DE 80 VOLUNTÁRIOS originários da freguesia de Santa Maria Maior fizeram parte do grupo de 800 pessoas que, nas noites de 12 e 13 de dezembro, participaram na contagem dos sem-abrigo em toda a cidade de Lisboa. Este mapeamento, inédito, foi promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) e Santa Maria Maior liderou na adesão voluntária. Os voluntários foram divididos em 122 equipas que percorreram todas as ruas da cidade.

A zona do Martim Moniz foi um dos muitos pontos de encontro espalhados pela cidade e, perto das 21 horas de dia 12, várias dezenas de pessoas estavam prontas a iniciar a tarefa, entre as quais o Provedor da SCML, Pedro Santana Lopes, e o presidente da Junta de Santa Maria Maior, Miguel Coelho. Esta iniciativa é mais um passo num processo iniciado em março deste ano, que visa a realização de um estudo de caracterização e

contabilização da população sem-abrigo da capital. Os dados recolhidos serão revelados em fins de janeiro de 2014.

"Tinham-nos sido solicitadas 25 pessoas e vieram cerca de 80. Esta freguesia tem muitas pessoas sem-abrigo, mas também tem muitas pessoas em condições de pobreza e de isolamento, como idosos, que carecem de apoio diário e que se está a procurar também dar esse apoio", salientou Miguel Coelho.

Baixa e Castelo cada vez mais próximos

A AZÁFAMA COMEÇA ÀS nove da manhã e só termina 12 horas depois. Em plena Rua dos Fanqueiros, o edifício do novo Elevador Público Baixa-Castelo de São Jorge é, por estes dias, um dos mais utilizados da zona. Todos os dias, milhares de pessoas usam este equipamento, inaugurado em 31 de Agosto deste ano e que já se transformou numa ajuda indispensável para quem deseja subir ao Castelo ou descer à Baixa.

Lisboetas que vivem nas imediações, funcionários das empresas locais que viram as suas deslocações de e para o trabalho mais facilitadas, inúmeros visitantes e turistas que escolhem esta alternativa para conhecerem melhor a Mouraria e o Castelo, são inúmeros os passageiros do Elevador. Para além da comodidade e rapidez, há quem não hesite em destacar o facto de a utilização deste equipamento ser gratuita, o que o torna uma opção cada vez mais popular.

Com projeto do arquiteto João Pedro Falcão de Campos e construção da empresa UDRA, o Elevador é resultado da reabilitação dos números 170-178 da Rua dos Fanqueiros e dos números 147-155 da Rua da Madelena, num investimento orçado em 1,5 milhões de euros. No futuro, estes edifícios irão albergar a sede da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior.

O Elevador do Castelo faz parte do percurso que começa na Estação de Matropolitano Baixa-Chiado, atravessa a Rua da Vitória na direção da Rua dos Fanqueiros e que, vencido este desnível com a subida à Rua da Madalena e acesso ao Largo Adelino Amaro da Costa, prossegue com o Elevador Público do Mercado do Chão do Loureiro, que transporta os utilizadores até à Rua Costa do Castelo. Este elevador – aberto ao público em 2011 - partilha o edifício com um silo automóvel, um supermercado e um restaurante com vista panorâmica

Voxpop

Luís Barros, 37 anos, empregado de mesa

"Trabalho no restaurante panorâmico do Elevador do Chão do Loureiro e este novo elevador veio facilitar muito o meu quotidiano. Utilizo-o pelo menos duas vezes por dia, poupando tempo e não me esforçando tanto a subir até à Rua da Madalena. Uma outra grande vantagem, que distingue este equipamento de outras alternativas de transporte, é ser gratuito."

António Afonso, 66 anos, reformado

"Moro na Rua de São Cristóvão, o que significa que uso o elevador de todas as vezes que venho à Baixa. Estes dois elevadores facilitam a vida a muita gente, é pena que não tenham sido construídos bem mais cedo! E cada vez são mais usados por turistas que querem ir para o Castelo. O que vejo é que, por vezes, apenas usam este e fazem o resto do caminho a pé."

Alessandra Armenise, 25 anos, atriz

"Há duas caraterísticas que me fazem gostar muito deste elevador. Faz parte da reabilitação de um edifício que já existia e é gratuito. Nas primeiras semanas, era raro encontrar muita gente a utilizá-lo, mas agora já não é assim. E grande parte são estrangeiros. Para mim, que moro na Rua da Achada e venho à Baixa todos os dias, não há alternativa melhor ou mais rápida."

Miguel Coelho,
Presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior

"A maior riqueza das freguesia são as pessoas"

TRANSFORMAR MAIS DE UMA DEZENA DE ANTIGAS FREGUESIAS NUMA ÚNICA JUNTA, com um novo modelo de funcionamento integrado, é a missão que tem ocupado os dias do executivo liderado por Miguel Coelho. Promover a complementaridade social e económica dos vários bairros, apoiar as populações nas suas necessidades e empreendimentos e assumir as novas competências entregues por lei são também missões na agenda.

Que enquadramento encontrou quando assumiu o cargo de presidente da nova Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, que agrega 12 antigas juntas?
Encontrei várias realidades e quase poderia dizer que cada junta era um caso em si mesmo.

Doze realidades diferentes?
Doze realidades diferente. Todas com muito trabalho, meritório, mas praticamente todas com metodologias de funcionamento diferentes. Esta é, precisamente, a grande tarefa que temos levado a cabo nestes dois meses: uniformizar metodologias e procedimentos até em aspetos aparentemente simples como horários de atendimento ou preçários.

Os preços eram muito diferentes?
Variavam de junta para junta. Neste momento, é necessário um esforço de uniformização porque se trata de uma única junta de freguesia e os cidadãos são todos iguais. Este é um autêntico trabalho de filigrana que está a ser feito em paralelo com um esforço de manutenção dos apoios sociais que estavam a ser dados por cada junta de freguesia. Com a presente situação de emergência social, as pessoas estão a passar cada vez mais dificuldades e apelam à junta, diariamente, com pedidos de apoio para alimentação, medicamentos, vestuário, pagamento da renda e de contas, todo o tipo de necessidades. Tratam-se de casos muitas vezes desesperados e a junta procura dar uma resposta imediata e, depois, enquadrar essas pessoas junto das instituições que estão preparadas e vocacionadas para dar um apoio social continuado, nomeadamente a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Trata-se da verdadeira autarquia de proximidade, ou seja, é o Poder Local no quotidiano das pessoas?
Sim, é isso mesmo, até porque a este nível de proximidade não existe nenhum tipo de filtro entre o cidadão e o Presidente da Junta. Felizmente!

É o maior desafio e o fator mais aliciante?
É o grande desafio e a grande responsabilidade. As pessoas são a nossa razão de existirmos como responsáveis políticos e aqui nós deparamo-nos todos os dias, com um conjunto de problemas que são prementes. O presidente da Junta de Freguesia e a sua equipa têm de estar em condições para responder e é isso que temos procurado fazer, felizmente quase sem falhas e a par de todo o trabalho que tem por objetivo uma nova organização.

É possível revelar algumas ideias da nova organização que vai presidir ao funcionamento da junta?
A ideia é adotar uma organização prática e funcional, preparada para agir com rapidez face aos desafios da proximidade, mas também com uma estrutura capaz de projectar, planificar e desenvolver trabalho estratégico.

Como avalia a organização que recebeu das antigas juntas?
Certamente desequilibrada, mas preenchida por funcionários e colaboradores de uma generosidade fantástica. Quero, aliás, agradecer o enorme esforço e dedicação que têm demonstrado neste período de afirmação desta nova freguesia de Santa Maria Maior. Têm sido essenciais. Porém, após o início do exercício das novas competências transferidas por Lei para as juntas de freguesia de Lisboa, e com a consequente transferência de pessoal da Câmara Municipal, assumiremos um nível de organização mais exigente e moderno, enfim, mais compatível com os tempos atuais.

Para quando está prevista a transferência efetiva de competências?
Está agendada para acontecer durante o primeiro trimestre de 2014.

E vai acontecer em bloco?
Não, é essa a razão por que se vai prolongar durante os três primeiros meses do próximo ano. Existe um conjunto de competências diversas para transferir para as juntas de freguesia – higiene urbana, licenciamento do espaço público, licenciamento da publicidade comercial, manutenção das escolas, conservação do espaço público e muitas outras – cujo acompanhamento técnico tem de acontecer. Alguns processos são mais simples mas outros requerem alguma adaptação. Esta é a razão de ter sido estabelecido o princípio do trimestre.

A partir do fim do primeiro trimestre de 2014, todas as juntas, incluindo Santa Maria Maior, terão então autonomia para se organizarem internamente no desempenho dessas competências?
Por lei, terão completa autonomia. Logicamente que teremos de seguir os normativos que são aprovados em assembleia municipal e que dizem respeito à cidade no seu conjunto. Tem que haver um princípio unificador da cidade de Lisboa e por isso é que existe uma assembleia municipal para aprovar esses regulamentos.

Em Santa Maria Maior, como resultado da agregação de 12 antigas freguesias, é tempo de gerir várias realidades, não é assim?
A nível de procedimentos e da maneira de agir é evidente que encontrámos diversas realidades. Dou um exemplo do que encontrei em Santa Maria Maior. No apoio alimentar, havia juntas que cozinhavam nas próprias instalações para fornecer os seus fregueses mais carenciados; havia outras que tinham protocolos com cadeias comerciais para ir buscar alimentos e depois distribuir e havia ainda outras que tinham apenas acordos com os bancos alimentares. Existiam, portanto, procedimentos diferentes de junta para junta e estamos a tentar enquadrar tudo isso na lógica de funcionamento de uma única junta.

E todos os dias surgem situações e temas novos, não é assim?
Certamente. Volto a dizer que, na presente situação de emergência social, cada vez aparecem mais pessoas desesperadas. E a junta tem de reagir imediatamente, respeitando um princípio: não se distribui dinheiro. Por exemplo, é comprada a alimentação necessária e urgente e tenta-se enquadrar as pessoas junto de um banco alimentar ou de um programa de alimentação assistida, por exemplo no âmbito da Santa Casa. Procuramos sempre uma saída. Mas este tipo de situações acontece com uma grande regularidade e com uma evolução: há já muitas pessoas de classe média que vêm pedir este tipo de apoios à junta de freguesia: medicamentos, alimentação, ajuda para pagar a renda ou contas.

Ou seja, a emergência social de que fala está a alastrar para classes que, aparentemente, não seriam tão atingidas?
Sim. A drástica diminuição do período em que se pode receber o subsídio de desemprego também alargou o leque das pessoas a necessitarem de auxílio. Se não há capacidade do Estado nem da economia para dar emprego a todas as pessoas que estão no subsídio de desemprego, elas são lançadas para o nada. E é fácil de calcular que a pressão sobre as juntas de freguesia é muito grande. No caso de Santa Maria Maior, acontece o mesmo também com cidadãos estrangeiros que estavam cá a trabalhar, que, de repente, ficaram desempregados e que, por uma razão ou outra, não procuram regressar ao seu país. Estes também nos procuram para pedir apoio.

Estão duplamente desenraizados?
Claramente. A situação é muito preocupante. Mas, em paralelo, tenho a consciência de que o apoio social não se pode esgotar no apoio direto.

Como assim?
A Junta de Freguesia de Santa Maria Maior possui um território muito rico. Tratam-se de cinco bairros com muita história e personalidade, que podem ser um fator de riqueza e de dinamização económica, com benefício direto para as populações. Dou como exemplo o Chiado, que é a zona mais cosmopolita da cidade de Lisboa. Tem música clássica, a cultura erudita, os grandes chefes de culinária, o comércio de alta qualidade. E depois temos também em outras zonas da freguesia, como em Alfama e na Mouraria, tascas fabulosas, o fado popular, as marchas… Tudo isto constitui um património que pode ser potenciado em termos de economia local, com a criação de postos de trabalho. Há que estimular esta riqueza e a junta de freguesia está aqui para ajudar. Por outro lado, Santa Maria Maior possui um património religioso e cultural fantástico, com inúmeras igrejas, monumentos e equipamentos culturais. Também este conjunto de património pode ser potenciado numa perspetiva de benefício concreto, direi quase imediato, para as pessoas que aqui vivem.

Vê a junta como motor desse encontro e descoberta de oportunidades?
Com certeza. Mas mais do que motor, a junta tem de ser um facilitador. Ou seja, felizmente existe nos bairros de Santa Maria Maior muita gente organizada e que deseja fazer coisas. Mas, muitas vezes, esbarram com dificuldades burocráticas de aprovação da sua atividade. Penso que o papel da junta é ajudar e orientar. Até para que não haja muita gente a querer fazer a mesma coisa e exista capacidade de, através dessa intervenção cívica, cobrir todas as áreas que são necessárias e que foram definidas e pensadas como estratégicas para o desenvolvimento desta parte da cidade.

A duplicação de esforços é indesejável?
É um fenómeno a evitar, até porque os recursos existentes não são infinitos e a maior parte são canalizados para o apoio social imediato. Mas é evidente que esta junta também tem de se empenhar na produção de cultura, da animação de rua, de empreendedorismo local… Mas, repito, há que fazer uma gestão de recursos

e da generosidade que, felizmente, continua a existir na sociedade.

Como perspetiva daqui a algum tempo, a vida da freguesia de Santa Maria Maior nos aspetos económicos e sociais?
A maior riqueza da freguesia são as pessoas. Elas têm ideias, são generosas e possuem um enorme património de conhecimento e de informação. Isto é especialmente visível no contexto do bairro. Quem vive nos bairros sabe o que aconteceu no passado ou pode vir a acontecer futuramente. E existe orgulho de pertencer a um determinado bairro, o que é algo de extraordinário. Acredito que se toda esta riqueza potencial for organizada no sentido da rentabilização – em que a junta se responsabilize pela conservação do espaço público, pelo património e pela recuperação e as pessoas se responsabilizem pela organização e por compromissos com o resto da sociedade -, fazendo os cruzamentos necessários, Santa Maria Maior poderá viver para além desta e de outras crises.

Pode concretizar?
Por exemplo, fala-se muito do potencial turístico, mas, quanto a mim, só há bom turismo se o espaço público estiver recuperado. Ou seja, o mercado turístico tem de ser uma oportunidade para se recuperar o espaço público e o património. Se potenciarmos tudo aquilo que há de bom nos bairros históricos e característicos desta freguesia, será possível criar uma dinâmica onde as pessoas tenham uma oportunidade de se integrarem e contribuírem para o desenvolvimento local.

Foco nos bairros

Falemos agora de uma mudança de paradigma assumida pelo executivo da junta: transformar uma realidade de 12 freguesias, numa realidade de cinco bairros – Chiado, Baixa, Castelo, Mouraria e Alfama – que, em conjunto, formam Santa Maria Maior. Como se faz esta mudança?
Os bairros sempre existiram.

Mas não eram entidades assumidas em termos autárquicos, pois não?
Não, pelo menos de uma forma clara. Mas os bairros e as pessoas estão lá, com as suas especificidades próprias, o seu orgulho e até as suas rivalidades, que são salutares quando interpretadas num sentido positivo, de cada um querer fazer bem feito. Penso que é tempo de assumir um esforço conjunto e volto ao turismo. Por exemplo, é possível aproveitar o grande fluxo que chega de turistas através do terminal de cruzeiros e potenciar a economia de cada bairro. Quem nos visita deverá saber que vale a pena almoçar em Alfama, visitar o Castelo, lanchar ou jantar na Mouraria, fazer compras na Baixa ou no Chiado. Ou fazer o percurso inverso. É importante promover uma grande interligação, até uma relação de dependência mútua, entre os bairros. Hoje, há muita gente de Alfama que trabalha na Mouraria, há pessoas na Mouraria que trabalham em Alfama e, embora existam as rivalidades dos bairros, existe uma ligação informal entre as populações. Mas falta que elas percebam que a presente estrutura autárquica pode transformar-se numa oportunidade para viverem melhor. Acredito que este é o trabalho que nos cabe.

Que mensagem quer deixar aos leitores do jornal de Santa Maria Maior?
A primeira mensagem é de esperança. Vivemos tempos muito difíceis e talvez a situação ainda piore antes de melhorar. Mas desejo dizer às pessoas que têm nesta Junta de Freguesia uma equipa de pessoas responsáveis, próximas, e que desejam ajudar para além do sentido caritativo do termo. Uma equipa que está aqui para trabalhar com as populações e que tem como projeto a valorização os cidadãos. Este projeto só terá vencimento se envolver tudo aquilo que se move em Santa Maria Maior. As associações culturais, as associações de intervenção social, as coletividades tão generosas…

Daí as reuniões que tem mantido com as forças vivas da freguesia?
Reuni com representantes de quase todas as coletividades da freguesia e com muitos responsáveis de associações de intervenção social e cultural. Já tive oportunidade de falar com quase todos os senhores párocos da freguesia de Santa Maria Maior. E estou a procurar falar com todas as forças vivas da freguesia, no sentido de criarmos uma rede de parcerias estratégicas, com o objetivo de a desenvolver economicamente, socialmente e de criar uma relação de solidariedade profunda para com quem mais precisa. Se o conseguirmos fazer, e da minha parte existe uma total disponibilidade, há razões para ter esperança. Não estamos à deriva.

"Será para mim ponto de honra que em Santa Maria Maior não hajam idosos ou crianças a passarem fome ou idosos sem os medicamentos necessários"

Que linha de continuidade está prevista para os próximos quatro anos?
Do ponto de vista social, os idosos e as crianças são a primeira prioridade. Será para mim ponto de honra que em Santa Maria Maior não hajam idosos ou crianças a passarem fome ou idosos sem os medicamentos necessários. E hoje estas situações são das mais frequentes. Estamos a trabalhar para um apoio em massa nesse sentido. Em paralelo, o nosso projeto é o de contribuir para criar, em Santa Maria Maior, um espaço recuperado, em que valha a pena viver e visitar e onde se criem e se incentivem iniciativas, dando algumas ferramentas, para que as pessoas construam a sua própria solução. É nisso que vamos trabalhar nos próximos quatro anos.

Trata-se de uma nova vida para o poder local?
Em Lisboa é com certeza. Esta reforma traz para as freguesias novas competências, que as aproximam de modelos existentes em outras cidades europeias. Por exemplo, os *arrondissements* em Paris ou os *districtes* em Barcelona são estruturas que estão abaixo do município, mas que têm poderes muito próprios e uma complementaridade muito mais forte com o município. Como diz o António Costa, os presidentes de juntas de freguesia passam a ser uma espécie de vereadores territoriais. E isto tem uma carga de responsabilidade e de maior autonomia de decisão, o que pode ajudar a uma proximidade de eficácia que vai beneficiar as pessoas.

Ateliê Santa Rufina

Um espaço que mantém viva a tradição da azulejaria e cerâmica portuguesas e que tem vindo a conquistar adeptos aquém e além-fronteiras.

CRISTINA LOPES TRABALHA, HÁ 26 ANOS, entre formas e cores, prateleiras repletas e pilhas de objetos cerâmicos em diversas fases de fabrico. Uns ainda aguardam a primeira ida ao forno, enquanto que outros estão em processo de pintura e outros ainda, acabados, aguardam apenas que alguém os leve para casa.

Estamos na fábrica e ateliê Santa Rufina, em plena Mouraria, um espaço dedicado à arte da cerâmica e azulejaria de inspiração tradicional portuguesa. Mas embora os tons azuis, brancos e amarelos que remetem aos séculos XVII e XVIII estejam bem presentes, é possível encontrar nas peças todos os tons do arco-íris.

Com formação na prestigiada escola António Arroio, Cristina Lopes estagiou no ateliê e o amor a esta arte falou tão alto que nunca mais equacionou uma carreira noutro sítio. "É isto que me realiza e é aqui que quero desenvolver a minha atividade, tentando que este património não se perca", assegura.

As peças cerâmicas enriquecem o local, mas também podem ser encontradas em outros sítios. "Trabalhamos regularmente com museus e palácios, fazendo réplicas de objetos históricos e comercializando-as nas lojas das instituições", refere Cristina Lopes.

Por outro lado, "somos capazes de criar ou recriar peças a pedido de clientes, o que acontece muito frequentemente, tanto para Portugal como para o estrangeiro". E a procura turística é também significativa: "todos os dias entram por esta porta turistas interessados em objetos únicos, que estão muito longe da cerâmica industrializada que se pode encontrar um pouco por toda a cidade". Em resultado, existem peças Santa Rufina "um pouco por todo o mundo", garante Cristina Lopes.

Para além da criação e comercialização de peças – onde os azulejos ocupam o centro do palco, mas que partilham a oferta com interpretações modernas como jarras, até cadernos com capas cerâmicas e dezenas de outras opções – em Santa Rufina (a padroeira da cerâmica) é também possível frequentar *workshops* para começar a aprender os segredos do ofício. "Damos formação a quem se mostra interessado. Nacionais e estrangeiros, grupos ou pessoas a solo, durante apenas uma tarde ou durante três meses, conseguimos adaptar-nos a todas as necessidades". Da criação à vidragem, pintura à mão e segunda cozedura, é possível aprender tudo. "É com isto que procuramos fazer a diferença, todos os dias", conclui.

Calçada Conde de Penafiel, 9 A/B
1100-157 Lisboa
Tel: 213 225 727/8 | Fax: 213 225 729

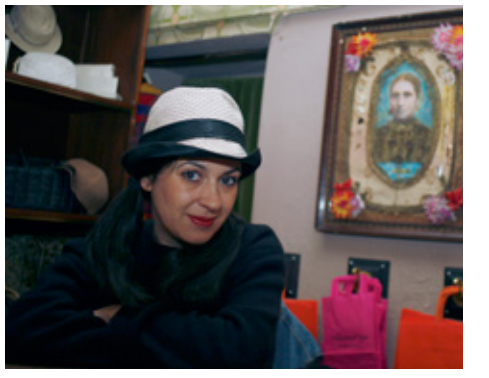
A Outra Face da Lua

Há oito anos na Baixa, é uma opção imperdível para quem gosta de moda com histórias para contar.

CARLA BELCHIOR NÃO TEM DÚVIDAS: há perto de uma década, quando decidiu abrir mais uma A Outra Face da Lua – depois de uma experiência bem-sucedida no Bairro Alto –, "a Baixa estava totalmente descredibilizada, com uma oferta totalmente fora daquela que as pessoas queriam e a braços com a concorrência dos centros comerciais". Hoje, os espaços que abriu na zona, e dos quais o da Rua da Assunção é o mais conhecido, revelam "que a Baixa está de regresso, como o grande território de comércio de rua na cidade de Lisboa".

N'A Outra Face da Lua é possível encontrar moda e acessórios *vintage*, mas também tomar uma refeição ou uma bebida no espaço bistrô que remete a um ritmo de vida menos avassalador. "Esta loja é reconhecida há muito pela qualidade da sua oferta, que não se limita a peças em segunda mão. Compro apenas uma ínfima parte dos objetos que me propõem e apenas os que correspondem à filosofia deste projeto", afirma Carla Belchior, que conta entre os clientes não só portugueses como "muitos, muitos turistas e responsáveis por produções de moda ou de arte" para quem uma blusa, uns sapatos ou um chapéu com dezenas de anos mas em perfeitas condições faz todo o sentido.

Para quem pergunta se a Baixa continua a ser uma aposta ganha, Carla Belchior não hesita. "Nos últimos três anos, estas ruas sofreram uma revolução, no melhor sentido da palavra! Novos espaços, uma oferta diversificada e muito pouco 'assética', ou seja com alma". E nem a recente alteração da legislação das rendas aparece como grande preocupação. "Quem sabe o que faz e não se limita a replicar modelos completamente ultrapassados deverá obter bons resultados. Que interessa se as rendas aumentarem, desde que o volume de negócio as acompanhe?", questiona.

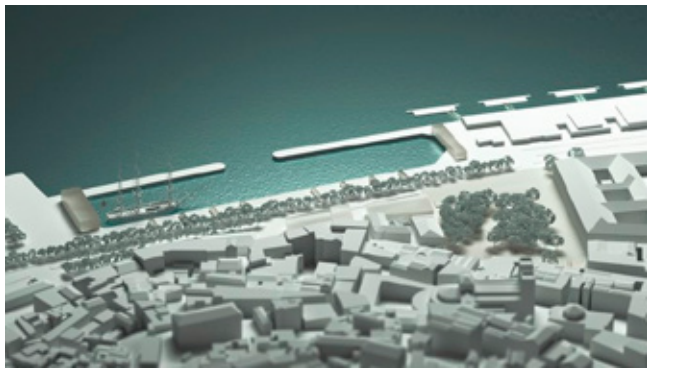


Nos próximos cinco anos, Carla Belchior deseja que a Baixa continue a evoluir. "Há medidas importantes a tomar. Os hábitos de consumo estão, felizmente, a mudar, e esta zona tem de os acompanhar com uma oferta abrangente em termos comerciais mas também culturais, de acessibilidades e até de oferta turística. Tal compete aos poderes públicos mas também às pessoas. Está na nossa mãe, tanto individualmente como de forma coletiva, agitar as águas".

Rua da Assunção, 22
1100-044 Lisboa
Tel: 218 863 430

Nova vida para o Campo das Cebolas

"UM ESPAÇO MAIS HABITÁVEL, MAIS AMÁVEL, e que, através de uma intervenção discreta, devolve ao lugar a capacidade de ser palco da vida urbana". É esta a definição do projeto de Carrilho da Graça para a renovação da área.



O PROJETO VENCEDOR DA requalificação do Campo das Cebolas/Doca da Marinha implica a arborização daquela praça e a criação de um anfiteatro para defender o local da passagem do trânsito.

O arquiteto João Carrilho da Graça, autor da proposta que venceu o concurso internacional lançado pela Câmara de Lisboa no ano passado, apresentou o projeto na Fundação José Saramago, situada no Campo das Cebolas, numa sessão que contou com a presença do vereador do Urbanismo, Manuel Salgado, do presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Miguel Coelho, de moradores e de comerciantes da zona.

A intervenção propõe a criação de uma praça que, pela sua natureza e formalização, se contrapõe ao vizinho Terreiro do Paço. Não um espaço seco, mas antes uma praça que se volta para a cidade, recolhida sob a copa de árvores. Serão criadas as condições para que se torne um espaço mais habitável, mais amável, e que, através de uma intervenção discreta, devolve ao lugar a capacidade de ser palco da vida urbana.

Carrilho da Graça explicou que o projeto, que ainda não está fechado, prevê a arborização da praça e a construção de um maciço de pedra, virado para o interior, que cria uma espécie de anfiteatro. Esse maciço, referiu o arquiteto, "protege o interior do espaço em termos acústicos e de ambientes e defende a passagem do trânsito", criando uma espécie de barreira entre o Campo das Cebolas e a Avenida do Infante D. Henrique.

A presença dos pinheiros mansos, espécie transversal a várias épocas e culturas, como que celebra simbolicamente a história — e futuro — deste lugar, um ponto de partida e de chegada à da cidade de Lisboa. A cobertura vegetal dos pinheiros mansos, na superfície côncava, concorre para uma possibilidade de desaceleração e descontração, um espaço de estadia, ensombrado e silencioso.

Além disso, com o maciço haverá na praça "assentos, sem ser em bancos espalhados pelo espaço". O projeto inicial previa a construção de um silo automóvel com quatro pisos, um deles subterrâneo, para 382 lugares. No entanto, a sua construção foi chumbada em Fevereiro de 2012 pela assembleia municipal.

O arquiteto adiantou que, para substituir o silo, a ideia é criar estacionamento ao longo da via, com uma parte abaixo do nível do solo e só com um metro de altura acima do solo. "Vamos fazer escavações para tentar encontrar o muro do cais [que ali existiu] e, se tal acontecer, incorporá-lo [no projeto de estacionamento] ", referiu. Carrilho da Graça disse que pretende ter o projeto relativo ao estacionamento terminado em Fevereiro de 2014.

O empreendimento prevê também a construção de um parque infantil, que o presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Miguel Coelho, considerou "essencial para fixar casais jovens na Baixa". "Assim como uma creche, que será instalada num edifício da junta de freguesia", afirmou o autarca.

Na mesma ocasião, o vereador Manuel Salgado revelou que a vontade da autarquia é "começar rapidamente a obra" do Campo das Cebolas. No entanto, durante a apresentação, afirmou que "há várias dificuldades" numa iniciativa deste tipo, como "a capacidade de financiamento", adiantando que a autarquia irá candidatar o projeto do Campo das Cebolas ao fundo comunitário Jessica.

Do Castelo com história milenar a um dos mais recentes espaços museológicos da cidade, uma visita a duas joias do património de Santa Maria Maior.

Castelo de São Jorge

A COLINA ONDE SE ERGUE o Castelo de São Jorge foi das primeiras áreas ocupadas na cidade de Lisboa e durante a Idade do Ferro e o período romano desempenhou um papel estratégico na defesa do povoado. Ocupada pelos árabes, a fortificação foi conquistada em 1147 pelo rei D. Afonso Henriques. A construção do Paço Real, durante a Primeira Dinastia conferiu-lhe uma grande importância política, religiosa, social e cultural que apenas esmoreceu quando foi construído o Paço da Ribeira, por ordem do rei D. Manuel I.

O Castelo de São Jorge foi muito afetado pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755 mas, cerca de um quarto de século depois foi escolhido para albergar a Casa Pia da Correção da Corte, cujos edifícios foram, depois das invasões francesas (1807-1810) reparados e ocupados por quartéis. Em 16 de Junho de 1910, o rei D. Manuel II decretava a classificação da área como Monumento Nacional.

Restaurado no final dos anos 30 do século XX, no âmbito da Exposição do Mundo Português, viu serem levantados parte dos muros e de muitas das torres, o que lhe conferiu um "carácter medieval", resultante desta intervenção monumental.

Hoje é o Monumento Nacional mais visitado do país, destacando-se o Castelejo em forma poligonal; a Cidadela, parcialmente muralhada; a Casa do Governador; a Sala Ogival do Paço da Alcáçova, convertida num elegante restaurante; a Olissipónia, centro de interpretação da cidade; a Torre de Ulisses/Periscópio; a Torre de São Lourenço, a mais saliente do Castelejo, contígua à desaparecida Porta de S. Lourenço, que terá sido, em tempos, uma frente avançada da cerca moura; o núcleo museológico do Castelo de São Jorge inaugurado em 2008 e o Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge inaugurado em 2010 e que revela importantes vestígios da Idade do Ferro, da Alcáçova Medieval e de diversos edifícios do período islâmico.

Rua de Santa Cruz do Castelo
1100-129 Lisboa
Tel: 218 800 620
www.castelodesaojorge.pt

MUDE – Museu do Design e da Moda Coleção Francisco Capelo

A COLEÇÃO FRANCISCO CAPELO é um espólio de excelência pelos criadores representados e pela qualidade e importância dos objetos reunidos, possuindo uma singular coerência e unidade intrínseca resultante da estreita relação e complementaridade em que foram pensados os dois acervos (moda e *design*). Mobiliário e pequenos objetos utilitários refletem os principais movimentos e tendências do *design*, enquanto o vestuário, calçado e acessórios tecem a história da moda durante o mesmo período.

A 18 Dezembro de 2002, a Coleção Francisco Capelo foi adquirida pela Câmara Municipal de Lisboa com a obrigação de constituir um novo equipamento museológico dedicado ao *design*, salvaguardando este património de excelência. A aquisição pública deste importante acervo foi possível graças ao tratamento especial e ao gosto que o colecionador sempre manifestou em que a coleção permanecesse em Lisboa.

Na Baixa Pombalina, A Câmara Municipal de Lisboa encontrou uma casa para o MUDE – Museu do Design e da Moda. O projeto do museu consiste numa intervenção no edifício do antigo Banco Nacional Ultramarino, no quarteirão que delimitado pela Rua Augusta, Rua da Prata, Rua do Comércio e Rua de São Julião. O edifício não é pombalino e o que chegou até nós é da autoria do arquiteto Cristino da Silva.

O MUDE tem vindo a assumir um papel preponderante na oferta museológica alfacinha, com um número de visitantes que cresce de ano para ano. A programação inclui núcleos que mostram a evolução do *design* e da moda ao longo do séc. XX, apresenta a moda em exposições temáticas ou sobre autores específicos. Salas de ensaio para apresentação das residências de artista, laboratórios e workshops ou ainda salas para as exposições de protótipos e produtos industriais fazem também parte da instituição, para além de um auditório, centro de documentação e áreas educativas.

Rua Augusta, 24
1100-053 Lisboa
218 886 117
www.mude.pt

Padres Edgar Clara e Bartolomeu Mota

"A nossa missão é dar esperança"

Edgar Clara (à esquerda) e Bartolomeu Mota

PASSAM OS DIAS JUNTO DAS POPULAÇÕES de seis paróquias. Conhecem dores, solidão, dificuldades múltiplas mas também um forte sentido de comunidade. A tudo procuram responder com apoio espiritual, escorado em apoio à vida de todos os dias.

Têm a seu cargo meia dúzia de paróquias: Castelo, Santiago, São Miguel, Santo Estêvão, Socorro e São Cristóvão e São Lourenço. Os dias dos padres Edgar Clara e Bartolomeu Mota são, assim, tudo menos monótonos. "Os dados oficiais sobre esta zona da cidade, por exemplo os que dizem respeito ao número de habitantes, estão longe de apresentar toda a realidade e riqueza que tenho vindo a testemunhar nos últimos três anos", afirma Edgar Clara.

À semelhança e em paralelo ao que aconteceu com a reorganização administrativa de Lisboa, também o Patriarcado decidiu em 2013 fazer alterações à estrutura católica alfacinha. Foi assim que a Edgar Clara se juntou, nas últimas semanas, o recém-ordenado Bartolomeu Mota. "Somos uma equipa de duas pessoas que se dispõe a cuidar destas paróquias e estar no meio das suas pessoas", diz o primeiro.

A realidade em que se inserem é feita "de bairros com uma forte vida comunitária e alguma estabilidade que resulta deste facto", afirma o padre Clara. Tal não significa, porém, que a missão seja fácil. "Nestas zonas da cidade multiplica-se a pobreza material, que tem de ser naturalmente atendida, mas que se reflete em pobreza espiritual, cultural e educativa. E é aí que a nossa atenção se centra" diz, por sua vez, o padre Mota.

"É necessário deixar algo bem claro. Naturalmente que a Igreja não pode, não deve, nem está disposta a abandonar o seu rosto social e caritativo. Todos os dias chegam ao nosso conhecimento casos e situações que têm de ser atendidas, acompanhadas e encaminhadas. É por isso que mantemos laços estreitos com instituições do Estado, autárquicas e de caráter privado. Mas a nossa ação principal não é essa", refere Edgar Clara.

"As pessoas destas paróquias, especialmente nos últimos anos de crise, sentem-se abandonadas. Têm défices de preparação e competências e podem tornar-se facilmente vítimas de marginalização, de droga, de álcool, de vários tipos de violência", continua, acrescentando: "a nossa missão é dar esperança".

Bartolomeu Mota explicita como essa missão é delineada. "Procuramos que as pessoas saibam que não as julgamos, que não as distinguimos, que são iguais aos nossos olhos e que as consideramos válidas." Edgar Clara acrescenta que "a ação passa pela demonstração de afetos. E é maravilhoso ver como as pessoas se apropriam de nós ao reconhecerem que são amadas por quem está no meio delas". "A maior pobreza é a solidão e há muitos casos de solidão nestas paróquias, por exemplo a que atinge os mais velhos. Na Mouraria, o programa que colocou estudantes universitários a visitar idosos – não a nível caritativo, mas de atenção – é um sucesso porque mitiga esse isolamento e devolve, lá está, esperança", acrescenta.

Em termos concretos, dar esperança passa também "pelo alívio de alguns sofrimentos materiais, por exemplo ajudar as pessoas em dificuldades a irem aos sítios certos, auxiliá-las na procura de emprego, ensinar a escrever um currículo, apoiar as famílias monoparentais ou com membros detidos, ajudar a enfrentar o aumento das rendas causado pela nova lei. Em suma, dar ferramentas para que as pessoas consigam encontrar soluções", frisa Bartolomeu Mota.

De portas abertas

Um dos maiores desejos do padre Clara e do padre Mota é que seja possível, num futuro próximo, manter as igrejas abertas de forma permanente. "Todas abrem para o culto e existem em alguns locais uma vida paroquial muito rica, com apoio social à infância e aos idosos, iniciação cristã, catequese, preparação para o crisma… Mas essa vida paroquial também deve permitir que qualquer pessoa, a qualquer hora do dia, possa estar com Deus sem que ninguém a incomode. E isso só se consegue de portas abertas", defende Edgar Clara.

Nos próximos anos, os responsáveis pelas paróquias do Castelo, Santiago, São Miguel, Santo Estêvão, Socorro e São Cristóvão e São Lourenço esperam poder multiplicar "formas de chegar às populações. O futuro é naturalmente uma incógnita mas uma das ideias é reestruturar a vida paroquial para que a oferta espiritual seja mais próxima, por exemplo, evitando que as crianças tenham de frequentar a catequese numa paróquia eu não é a sua", perspetiva Edgar Clara, enquanto Bartolomeu Mota coloca a tónica noutro ponto. "Vamos prosseguir no caminho de trazer à ideia dos nossos paroquianos que, por mais que a vida lhes seja difícil, estamos cá para elas e que Deus as ama".

Sport Benfica Corvense

HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO
que esta coletividade de Alfama é um centro de atividade desportiva e cimento de vida social e comunitária.

Corria o Outono de 1961 quando, numa carvoaria do bairro de Alfama, nascia o Sport Benfica Corvense. Era o cumprir do sonho de um grupo de jovens que, apaixonados pelo futebol, todos os fins-de-semana se deslocavam a campos alugados – com equipamentos adquiridos a prestações – para defrontarem outros amantes do "pontapé na bola".

Manuel Mendes, mais conhecido por "Manuel 18" e sócio número 8 do clube, estava lá. "A malta criou isto e começou a ganhar taças. Era uma alegria aqui na zona", recorda aos 71 anos e como tesoureiro da atual direção do Corvense. "Só sete anos depois, em 1968, conseguimos lugar a sede-mãe", um rés-do-chão precisamente na Rua dos Corvos onde ainda hoje, se exibem, com orgulho, dezenas e dezenas de taças e troféus.

Do outro lado de um pequeno largo, na Rua das Escolas Gerais, situa-se, desde meados dos anos 70 do século passado, a sub-sede do Corvense. Foi uma evolução natural, dado o crescimento do clube que, para além do futebol, tinha também equipas de ténis de mesa e de voleibol, para além do acompanhamento de várias gerações que, nascidas nas imediações, beneficiavam de atividades de lazer e desportivas, com destaque para o futebol, o mini-basquetebol, o atletismo e a natação, todas praticadas nas instalações do Estádio Nacional.

"O desporto foi sempre muito importante, mas o Corvense também se destacava noutras coisas. Por exemplo, levávamos os miúdos em passeios e visitas de estudo, organizávamos bailes, cinema, espetáculos musicais, carnavais, noites de fados, sardinhadas, tudo o que uma coletividade como a nossa podia fazer. Até banhos se tomava no clube pois muita gente nem casa de banho tinha em casa!", recorda Manuel Mendes.

"Muito do que se continua a fazer acontece pela chamada 'carolice' e só assim é possível andar com as coisas para a frente"

A seu lado, José Rodrigues, 51 anos e atual presidente da direção, corrobora: "era, e ainda é em certos aspetos, uma família. Muito do que se continua a fazer acontece pela chamada 'carolice' e só assim é possível andar com as coisas para a frente".

Desafios do presente

Hoje o Corvense, como tantas outras associações e coletividades, enfrenta grandes desafios, que têm por base as profundas transformações do bairro. "As pessoas têm muitos interesses e um clube como este já não é das poucas coisas disponíveis", reconhece José Rodrigues. No entanto, no edifício na Rua das Escolas Gerais ainda se consegue respirar o ambiente familiar que carateriza a casa. Conversas, jogos de cartas, um computador com internet colocado à disposição dos sócios e espaço para eventos e teatro constroem uma oferta que não é mais alargada por contingências demográficas e financeiras.

"É preciso que a malta mais nova pegue nisto. Faço parte das direções há muitos anos e gostava que o Corvense andasse para a frente", deseja Manuel Mendes. Para que isso aconteça, acrescenta José Rodrigues, há que procurar "trabalhar em conjunto com muita gente, a começar nas pessoas do bairro e também com a Junta de Freguesia. Acredito que o clube tem futuro se o soubermos agarrar".

Sport Benfica Corvense

Rua dos Corvos, 1 1100-174 Lisboa
Rua das Escolas Gerais, 7 1100-213 Lisboa
Tel: 218 862 554

Novas competências

EM RESULTADO DA REFORMA administrativa da cidade de Lisboa, foram atribuídas responsabilidades acrescidas às juntas de freguesia, em paralelo com um reforço orçamental e do quadro de pessoal. Para 2014, Santa Maria Maior terá um orçamento de cerca de 4,9 milhões de euros.

Manutenção e limpeza de espaços públicos

- Manter e conservar pavimentos pedonais.
- Assegurar a limpeza das vias e espaços públicos, sarjetas e sumidouros.
- Manter, reparar e substituir o mobiliário urbano no espaço público, com exceção do que seja objeto de concessão, assegurando a uniformidade estética e funcional dos mesmos.
- Conservar e reparar a sinalização horizontal e vertical.
- Conservar e promover a reparação de chafarizes e fontanários, de acordo com o parecer prévio das entidades competentes.
- Gerir e assegurar a manutenção de espaços verdes.
- Assegurar a aquisição, colocação e manutenção das placas toponímicas.

Gestão e manutenção de equipamentos

- Gerir, conservar e reparar equipamentos sociais:
  - Equipamentos culturais e desportivos de âmbito local
  - Escolas e estabelecimentos de educação do 1.º Ciclo e Pré-escolar, creches e jardins-de-infância
  - Centros de apoio à terceira idade
- Criar, construir, gerir e manter parques infantis públicos.
- Criar, construir, gerir, conservar e promover a limpeza de balneários, lavadouros e sanitários públicos.
  - Assegurar a gestão e manutenção corrente de feiras e mercados

Licenciamento de proximidade

- Utilização/ocupação da via pública.
- Afixação de publicidade de natureza comercial, quando a mensagem está relacionada com bens ou serviços comercializados no próprio estabelecimento ou ocupa o domínio público contíguo à fachada do mesmo.
- Recintos improvisados.
- Atividades ruidosas de caráter temporário, previstas nos regulamentos municipais.
- Registo e licenciamento de cães e gatos.
- Venda ambulante de lotarias.
- Arrumador de automóveis.
- Realização de acampamentos ocasionais.
- Exploração de máquinas automáticas, mecânicas, elétricas e eletrónicas de diversão.
- Realização de espetáculos desportivos e de divertimentos públicos nas vias, jardins e demais lugares públicos ao ar livre.
- Venda de bilhetes para espetáculos ou divertimentos públicos em agências ou postos de venda.
- Realização de leilões.

Habitação e intervenção comunitária

- Promover e executar projetos de intervenção comunitárias nas áreas de ação social, cultura, educação e desporto, em especial em bairros de intervenção prioritária.
- Participar, em cooperação com instituições de solidariedade social, em programas e projetos de ação social no âmbito da freguesia.
- Apoiar atividades culturais e desportivas de interesse para a freguesia que não sejam objeto de apoio por parte da Câmara Municipal de Lisboa.
- Contribuir para as políticas municipais de habitação, através da identificação de carências habitacionais e fogos disponíveis e, ainda, da realização de intervenções pontuais para melhoria das condições de habitabilidade.
- Definir critérios especiais nos processos de realojamento.

Atendimento

OS ELEITOS DA JUNTA de Santa Maria Maior realizam atendimento ao público de uma forma descentralizada, recorrendo a vários postos distribuídos por todo o território da Junta. Desta forma, os munícipes podem recorrer aos serviços no local onde lhes for mais conveniente, bastando para isso fazer a respetiva marcação junto dos serviços centrais.

HORÁRIOS
Segunda a Sexta-Feira
Das 9h30 às 13h00 e das 14h00 às 17h30

SEDE
Rua dos Fanqueiros, 170-178
1100-232 Lisboa

SERVIÇOS CENTRAIS
Rua da Madalena, 166, 2.º
1100-324 Lisboa
Tel: 218 867 475
Fax: 218 810 052
E-mail: geral@jfsantamariamaior.pt

POSTOS DE ATENDIMENTO

GABINETE DO PRESIDENTE
Rua das Farinhas, n.º3-2º
1100-236 Lisboa

POSTO CHIADO 1
Calçada do Sacramento, n.º 52
1200-394 Lisboa

POSTO CHIADO 2
Rua Vítor Cordon, n.º 22
1200-484 Lisboa

POSTO BAIXA
Rua da Prata, n.º59-1º
1100-413 Lisboa

POSTO MOURARIA 1
Rua da Mouraria, n.º102-2º
1100-364 Lisboa

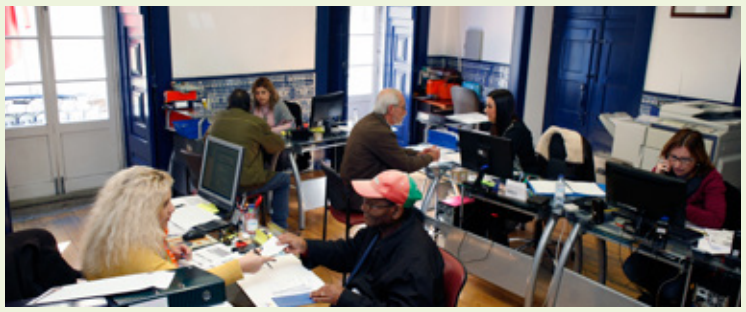
POSTO MOURARIA 2
Rua das Farinhas, n.º3-2º
1100-236 Lisboa

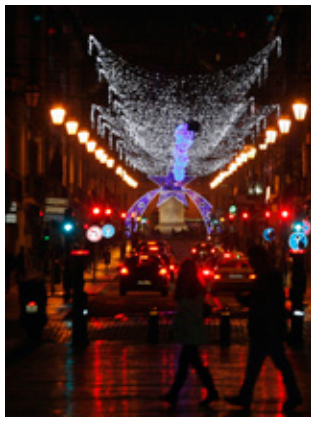
POSTO CASTELO
Rua do Espirito Santo
– Casa do Governador
1100-428 Lisboa

POSTO ALFAMA 1
Rua dos Remédios, 57 A-2º
1100-442 Lisboa

POSTO ALFAMA 2
Escadinhas de São Miguel, n.º 10
1100-540 Lisboa

POSTO ALFAMA 3
Rua Augusto Rosa, n.º66
1100-059 Lisboa





Em Santa Maria Maior festeja-se o Natal a rigor. As iluminações trazem um colorido especial às ruas, o comércio mais tradicional alarga a sua oferta, a solidariedade cresce e as crianças, verdadeiras rainhas desta época, divertem-se a valer.

X'Mas Late Night anima Baixa e Chiado

ORGANIZADO PELA JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA MARIA Maior em conjunto com a ADBP-Associação Dinamização da Baixa Pombalina e a AVC-Associação de Valorização do Chiado, realizou-se a 19 de dezembro, uma ação de promoção do maior centro comercial a céu aberto do país, com todos os estabelecimentos abertos até às 23 horas e com animação de rua em vários locais estratégicos da Baixa e do Chiado. De destacar o "Flash Mob" no Teatro Nacional de São Carlos, a atuação dos Coros da Rádio Renascença, Cristo Rei de Algés e Asiris, da Escola de Circo do Chapitô, do Bailado Flamenco e da Escola de Fado da Mouraria, que prenderam a atenção de todos os que passaram entre outros locais, na Rua Garrett, na Rua Augusta, na Rua da Madalena, na Rua de Santa Justa, na Praça da Figueira ou que viajavam no elétrico 28 ou no Elevador de Santa Justa. O Executivo da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior dá assim o primeiro passo no apoio ao comércio local e na dinamização cultural em espaço público.

Crianças visitam a Aldeia do Natal

QUASE DUAS CENTENAS DE ALUNOS das quatro escolas de Santa Maria Maior foram à inauguração da Aldeia do Natal que está instalada no Parque Eduardo VII, na zona contígua à rotunda do Marquês de Pombal. As crianças da freguesia, acompanhadas pela tesoureira do executivo, Idália Aparício e pelas técnicas do Departamento de Intervenção Social da Junta, puderam viajar num universo mágico, onde não faltou o imaginário do Pai Natal e as suas renas verdadeiras, o "Presépio Vivo" – que recria o nascimento de Jesus e os Reis Magos, Gaspar, Baltazar e Belchior, num espaço que até dia 6 de janeiro de 2014 terá um programa variado, com destaque para teatros, Concertos, Ateliês de Pinturas Faciais, Cantinho do Conto, Bola de Neve Gigante, Carrossel e Canhões de Neve, entre muitas outras diversões.

Solidariedade e Animação

E COMO A ÉPOCA DE FESTAS É TAMBÉM DE SOLIDARIEDADE, a Junta de Freguesia empenhou-se em levar às famílias mais carenciadas um pouco do espírito de Natal, com a distribuição de cabazes a mais de 500 agregados. Em paralelo, cerca de 300 crianças que vivem em Santa Maria Maior viram o seu sapatinho mais recheado, com a oferta de brinquedos. E durante as férias escolares, os mais novos são também os destinatários preferenciais de um programa de animação que inclui idas ao circo, ao teatro, ao cinema e jogos dinâmicos e interativos promovidos pela Junta.